

# Perguntem à Rocinha!

FLÁVIA OLIVEIRA

**A** explosão de violência que marcou o fim da quaresma na Rocinha detonou um rumoroso debate em torno das ações necessárias para devolver a paz à região e, por extensão, à Cidade Maravilhosa. Cariocas de nascimento ou por opção, pressionados pelos dias tenso que resultaram em uma dúzia de mortes, apressaram-se em apresentar propostas, entre elas um estapeado muro separando favela e bairro, um solitário dia de manifestação de afeto à comunidade e um ambicioso plano de reurbanização. Por mais sinceras que sejam as idéias, faltam nelas o essencial: a assinatura da Rocinha.

O povo do asfalto, encarnado nos ricos e na classe média que habita São Conrado e Gávea, horrorizou-se por tornar-se refém nos automóveis impedidos de cruzar o Túnel Dois Irmãos e a Avenida Niemeyer. Enlutou-se pelo fuzilamento da mineira Telma Veloso Pinto. Protestou por suas crianças sem aulas nos colégios bem pagos dos arredores. Frustrou-se com a queda à metade nas vendas no shopping center vizinho.

Por fim, apedrou-se da Rocinha. Como se o nome no diminutivo fizesse

se dela minoria. Aos moradores de São Conrado e Gávea não ocorreu que a maioria vive na Rocinha. Está no Censo. No ano 2000, a comunidade encravada no morro que deságua na Auto-Estrada Lagoa-Barra abrigava pouco mais de 56 mil pessoas. Em São Conrado viviam cerca de 11 mil; na Gávea, 17 mil.

Em sua última entrevista antes de deixar o Brasil, o moçambicano Rogerio Zandamela, que até um mês atrás representava ao país o Fundo Monetário Internacional (FMI), explicitou suas impressões sobre a desigualdade brasileira. Com a experiência de quem conheceu variadas nações — da África à Europa, da América à Ásia — sugeriu que o abismo que separa ricos e pobres no Brasil é peculiar e, como tal, demanda uma solução genuinamente nacional.

Democracias invejadas mundo afora tornaram-se mais igualitárias desenvolvendo políticas públicas para minorias. No Brasil, comentou o economista, não está claro que a desigualdade é uma questão de minorias. Zandamela lançou mão da prudência característica dos estrangeiros que servem aos organismos multilaterais e preferiu não explicitar o que São Conrado, Gávea, Rio de Janeiro e o Brasil só não enxergam

se não quiserem.

Nenhum indicador demográfico ou socioeconômico aponta a desigualdade, a pobreza, a miséria, a violência — na Zona Sul do Rio ou em qualquer metrópole brasileira — como questões de minorias. As estatísticas do Instituto Pereira Passos (IPP) e do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV) evidenciam que, no território que engloba



Cláudio Duarte

anos menor que a Gávea.

Não é certo o vértice superior debater e decidir sobre uma crise que mais agride os dois terços que estão na base da pirâmide social daquele pedaço do Rio. A Rocinha tem o direito de se horrorizar pelos moradores obrigados a não voltar para casa nos dias de guerra. De se enlutar pelos filhos executados à queima-roupa em suas vielas. De protestar pelas escolas e as creches lechadas. De se frustrar pelos feriados impostos ao seu pequeno comércio. De se apiedar dos vizinhos. E de cobrar do poder público as medidas que a convenham para pôr fim à situação de insegurança que a atormenta.

Antes de reivindicar das autoridades as políticas; do setor privado, os investimentos; da sociedade civil, a mobilização, é recomendável ouvir o que tem a dizer a maioria. E quem sabe esse trecho do Rio, em vez de minúscula da metáfora do bom selvagem, venha a se tornar um exemplo inovador não apenas para os cariocas, mas para o país.

Perguntem à Rocinha!

FLÁVIA OLIVEIRA é jornalista.

N.R.: O colunista Luis Fernando Veríssimo volta a escrever neste espaço nos próximos dias.

os bairros de São Conrado, Gávea e Rocinha, a comunidade do morro contém a maioria das casas sem rede de esgoto ou fossa séptica (37%); a maioria dos analfabetos funcionais (47,5% têm até três anos de estudo); a maioria dos miseráveis (22%); a maioria dos chefes de família com renda de até cinco salários-mínimos (76%). Concentra a maioria dos homicídios e tem esperança de vida 20